

PANORAMA INTELECTUAL PORTUGUÊS

Estamos no fim de 1939. Passou mais um ano da história da nossa cultura, mais um ano em que saíram números de revistas, em que se publicaram livros, em que se fizeram conferências e em que se realizaram comemorações.

Que nos dá o balanço da actividade deste ano? Que significa, de um modo geral, este ano de 1939, na história da cultura portuguesa?

Podemos dizer-se, sem receio de errar, que a actividade intelectual deste ano confirmou a decadência de uns e reafirmou os progressos de outros.

Os nossos venerandos académicos, continuaram mastigando os seus discursos olímpicos, cheios de presunção e de vazio. Nem sequer mereceram este ano, da parte da imprensa independente, as habituais ironias e sarcasmos.

Os nossos hiper-perspicazes jornalistas dos grandes órgãos—gastaram ingloriamente o seu talento anunciando as chegadas dos Bonifácios, dos Diabos, etc., e acordaram do concurso dos sonhos em pleno guerra. Mas, a-pesar-disso, alguns continuaram a sonhar, isto é, a fazer previsões e a pôr ao serviço do público os seus profundos conhecimentos dos bastidores da política internacional.

Os nossos pensadores profissionais não se esqueceram de divertir os seus leitores com as habituais momices. Falaram-nos dos eternos problemas que veem prevendo, das insolúveis inquietações humanas, das questões sem solução, etc. E sempre a sua linguagem, como de costume, foi polida, reverenciosa e... inexpressiva. Não nos disseram, a-final, nada que tivesse interesse; não ilucidaram os leitores sobre as causas, nada explicaram. Contentaram-se com tudo baralhar e confundir.

Os nossos escritores modernistas viram-se, este ano, em sérios embaraços. Eis aí o facto capital da nossa vida literária de 1939. Eles que vieram para a cena da literatura, numa posição ferozmente inconformista, distribuindo ferroadas, para

a direita e para a esquerda e preocupando-se com despertar o burguês do sono letárgico—encontraram pela frente um novo inconformismo, não apenas formal, mas substancial, e não apenas literário, mas total. Esbracejaram, ironisaram, debateram-se, mas o facto permaneceu. Foram colhidos de surpresa, por uma força actuante que os perturbou no seu jôgo ambíguo de transigência e acomodação. Tiveram de rever as suas concepções, tiveram de esgrimir e de puxar pelos últimos argumentos. Foi tudo em vão. O terreno faltou-lhes debaixo dos pés. Nenhum deles já hoje pode convencer-se de que o futuro da literatura em Portugal esteja na linha de continuação do subjectivismo e da arte pela arte. Mais do que as discussões teóricas, mais do que as afirmações de princípios foi a divulgação das grandes obras estrangeiras da nova literatura e as produzidas entre nós com o mesmo espirito—que cavaram o princípio da sua decadência.

Com a decadência de uns, coexistiu o fortalecimento de uma actividade jovem, que se manifestou este ano, pela primeira vez, em termos de dissipar tôdas as dúvidas que acerca das suas possibilidades pudessem existir. Iniciou-se uma viva campanha de revisão dos fundamentos da nossa ideologia; atraiu-se a atenção para alguns problemas essenciais da vida nacional; criaram-se condições de mentalidade para uma obra de completa renovação da nossa cultura. A obra da nossa revista e de «O Diabo»—vale como a afirmação indiscutível de que a cultura portuguesa vai seguir novo rumo e trilhar novo caminho. Os nomes que há anos atrás eram indispensáveis para impôr a consideração do público qualquer publicação—já hoje raramente aparecem. É este um das índices mais significativos e animadores da força e vitalidade da mais fecunda corrente da actual cultura portuguesa. Novos nomes se impõem hoje e com êles novas idéas, novos sentimentos, novas posições—uma nova concepção do mundo e da vida.

Retórica, Teorias...

Um dos grandes equívocos com que costumamos ver-nos embaraçados é o de os nossos adversários honestos nos suporem partidários da retórica, da frase, da teoria, da dialéctica estéril, etc. É frequente anteporem às nossas considerações ponderadas e precisas, justas e irresponsáveis, uma indignada ou desalentada exclamativa: «Retórica! Teorias!». É verdade que a maneira como certos dos nossos amigos pretendem fazer triunfar nas discussões as nossas idéas, justifica por vezes a atitude dos nossos adversários bem intencionados. Mas, o que mais frequentemente ocorre é um incrível desentendimento entre nós e êles, um espantoso desencontro, que começa na diversidade da linguagem para acabar na irreductibilidade dos processos de raciocínio. Onde eles dizem preto, nós dizemos branco e onde nós queremos

que se veja, como dizia Camões, «claramente visto», êles tão só pretendem intuir, abstrair, isolar, conceber puramente... Quando nos envolvemos em discussão com êles, temos assegurado um fantástico quiproquo: as nossas palavras não-de parecer-lhes insólitas, por mais começinhas e sensatas que sejam; as palavras deles não no-las deixarão criticar, porque impugnarão a nossa crítica, antes que a possamos levar a cabo. E no meio do entrecocar dos argumentos e das exclamações desesperadas dos nossos adversários,—exclamações em que se evidencia a sua impossibilidade de nos compreenderem—nós mantemos a calma de quem sabe que tem razão e de quem conhece o estertor ideológico das classes condenadas pela história. A nossa superioridade em qualquer diálogo com êles, vem-nos de conhecermos ao mesmo tempo a natureza da

nossa posição e o carácter da que eles defendem. E o nosso conhecimento da realidade e da história,—que é história dos antagonismos sociais—diz-nos que só êles precisam de recorrer aos expedientes da dialéctica inferior, à retórica descontrolada, à frase sem conteúdo e à mais descabelada mistificação ideológica. Acusam-nos a nós dos vícios que em si mesmos não podem ver. Quando lhes intimamos as verdades essenciais que a experiência histórica nos ensina, verdades cuja descoberta exigiu um ingente esforço crítico, acusam-nos de dogmáticos e acriticos; quando lhes provamos que odeiam a realidade, porque a realidade está contra êles, acusam-nos de empiristas grosseiros e materialistas primários; quando reduzimos tôdas as suas posições à sua base classista e quando explicamos as actividades que êles chamam «gratuitas» em função dos anta-

gonismos sociais, acusam-nos de declamadores, retóricos e confusos. A história é velha. Quem for ler a prosa imunda dos «cães de guarda» da sociedade feudal, em que se reduzia a estilhas a ciência, a razão e o espirito de livre exame, que depois haviam de triunfar com a revolução francesa, compreende bem a defensiva confrangedora dos representantes do mundo em ocaso. A arma é sempre a mesma: acusar de confusos, retóricos e declamadores de frases àqueles que trazem as responsabilidades de fazer triunfar uma verdade actualizada, adequada às condições históricas a que se destina,—uma verdade mais verdadeira. A atitude dos nossos adversários não deve causar-nos estranheza. Só devemos ter em conta que ela pode ser modificada, se soubermos impormos as evidências e construir com êles ou contra êles.